

ORIGEM DOS PIGMENTOS EMPREGADOS NA MAQUIAGEM^I

ORIGIN OF PIGMENTS USED IN MAKEUP

Laura B. Silva^{II}, Rosilene K. Ito^{III}

RESUMO

Introdução: O uso de pigmentos acompanha os seres humanos há milhares de anos, sendo um fator de grande influência e usada como forma de comunicação, marcação social, expressão cultural, ritos funerários, mimetismo e religiosidade, sendo o pigmento mais comum de ser encontrado o ocre vermelho (hematita). A análise do passado e a comparação com a atualidade nos permitem uma visão mais ampla do desenvolvimento humano ocorrido em todo esse tempo, nossas visões, crescimento e como o seu uso é muito mais representativo do que se é de conhecimento geral. **Objetivos:** Pesquisar sobre o uso de pigmentos e suas origens em cosméticos, estudando os minerais utilizados e observando os ainda utilizados. **Materiais e métodos:** Foram utilizados para o desenvolvimento desse estudo livros, pesquisas e artigos publicados em revistas científicas, sites governamentais e acadêmicos. **Resultados:** O uso de pigmentos é uma forma de comunicação não verbal utilizada por diversas culturas ao longo da história, conseguir analisar como alguns pigmentos utilizados até os dias atuais tem uma origem de uso tão antiga com propósitos similares nos traz um desfecho satisfatório. **Considerações finais:** O uso de pigmentos no corpo humano se faz presente desde nossa origem, sendo um fator crucial de desenvolvimento.

Palavras-chave: Pigmentos. Maquiagem. Origem. História.

ABSTRACT

Introduction: The use of pigments has accompanied humankind for thousands of years, being a major influencing factor and used as a form of communication, social marking, cultural expression, funerary rites, mimicry, and religiosity, with red ochre (hematite) being the most common pigment found. Analyzing the past and comparing it with the present allows us a broader view of human development throughout this time, our perspectives, growth, and how its use is much more representative than is generally known. **Objectives:** To research the use of pigments and their origins in cosmetics, studying the minerals used and observing those still used. **Materials and methods:** Books, research, and articles published in scientific journals, government, and academic websites were used for the development of this study. **Results:** The use of pigments is a form of non-verbal communication used by various cultures throughout history. Analyzing how some pigments used to this day have such ancient origins with similar purposes brings us a satisfactory conclusion. **Final considerations:** The use of pigments in the human body has been present since our origins, being a crucial factor in development.

^I | Artigo apresentado como requisito parcial do Trabalho de Graduação, no Curso Superior de Tecnologia em Cosméticos, da Faculdade de Tecnologia de Diadema Luigi Papaiz.

^{II} Aluna do CST Cosméticos da FATEC- Diadema Luigi Papaiz.

^{III} Professora mestra da FATEC- Diadema Luigi Papaiz, orientadora do Trabalho de Graduação. Email institucional: rosilene.ito@cps.sp.gov.br

Keywords: *Pigments. Makeup. Origin. History.*

1. INTRODUÇÃO

O cérebro humano é o órgão mais complexo do nosso corpo, com ele passamos por diversos processos, desde os mais básicos, como respirar, até os mais complexos, como o desenvolvimento humano. Ao longo de milênios o ser humano tem se desenvolvido de maneiras surpreendentes e, ao longo dos últimos séculos, foi possível estudar cada vez mais a importância das cores no desenvolvimento cerebral, como elas podem afetar nossas emoções e como os pigmentos foram um fator crucial para esse desenvolvimento.

Conhecer a história dos pigmentos nos cosméticos nos permite ter uma visão mais ampla do que temos e já tivemos, bem como os erros cometidos no passado, o contexto social que levou àquela escolha de componentes, suas consequências e quais métodos foram utilizados para corrigir tal empecilho. O levantamento histórico nos proporciona a oportunidade de criar uma linha do tempo de como a sociedade, evolui de maneiras distintas ao longo do globo terrestre, quais os fatores equivalentes e como as próprias comunidades retorquiram àquelas situações.

Evidências arqueológicas do período Paleolítico nos indicam que pessoas utilizavam o corpo humano para fixar pigmentos. Traços de ocre vermelho encontrados em um esqueleto conhecido como Senhora de Pavilândia (aproximadamente 33.000 a.C.) no sul da Inglaterra sinalizam a associação entre os pigmentos e ritos funerários (García; Pascual; 2018). Ainda nessa linha e segundo teorias levantadas por arqueólogos partindo de indícios encontrados, os seres humanos já utilizavam ocre vermelho (uma terra/argila/mineral ou rocha que contenha hematita suficiente para produzir cor) há 100 mil anos para rituais religiosos (Solomon, 2019; Watts, 2002).

Ainda na pesquisa realizada por García e Pascual (2018), os maias tinham uma cultura de ornamentação com pinturas corporais e tatuagens por questões religiosas, ritos de passagem, para marcação de distintas classes sociais e ocupacionais, para marcar, ou punir, ou simplesmente por razões estéticas sem se prenderem a um único gênero.

Existem diversos estudos relacionados à história dos pigmentos cosméticos realizados por inúmeros pesquisadores espalhados ao longo de todo o mundo, cada um focado em um local distinto, de modo que podemos uni-los e construir um documento com informações relevantes quanto questões químicas, sociais e extrativas dos pigmentos usados pelo ser humano.

Atualmente temos diversos tipos de insumos que podem ser usados para alterar a cor de um cosmético, como pigmentos e corantes. Os corantes cosméticos são muito utilizados na indústria devido sua grande variedade de tonalidades e preço de custo que permite mais flexibilidade no desenvolvimento de cosméticos que utilizam deles, entretanto os corantes sintéticos ou naturais apresentam maior risco de instabilidade ou reações adversas, por conta disso autoridades regulatórias como a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) no Brasil, a Comissão Europeia (CE) na União Europeia, a *Food and Drug Administration* (FDA) nos Estados Unidos e a *Ministry of Health, Labour and Welfare* (MHLW) no Japão, constantemente pesquisam e atualizam a lista de corantes seguros em cada categoria cosmética.

2. OBJETIVOS

2.1. *Objetivo Geral*

Pesquisar sobre o uso de pigmentos e suas origens em cosméticos.

2.2. *Objetivos Específicos*

Estudar os minerais utilizados como fonte para obtenção dos pigmentos.

Observar os minerais ainda utilizados em maquiagens.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

Os materiais utilizados nesse estudo foram:

- Pesquisas e artigos publicados em revistas científicas obtidas em bases de dados Google Acadêmico, Scielo, Cosmetoguaia e outros sites profissionais da área.
- Livros sobre relacionado ao tema cosméticos, arqueologia e química.
- Sites governamentais e acadêmicos como *Pubchem*, Instituto de Geociência USP, *European Chemicals Agency*.

As referências selecionadas foram analisadas para a filtração dos elementos e informações relevantes necessários. Para a inclusão artigo à pesquisa foi apresentado dados históricos sobre o uso de pigmentos, período e sua influência na sociedade local, foram adicionados referências que complementaram o estudo com composição química dos pigmentos encontrados, toxicidade, presença no mercado atual e imagens que ilustraram a ideia sendo discutida. Em contrapartida, referências inconsistentes, sem informações relevantes para o tema foram excluídos.

4. DESENVOLVIMENTO

Previamente as sociedades e comunicações, diversas crenças e desafios ditavam a maneira como os neandertais e os seres humanos, no geral, lidavam com o mundo. Como seres nômades em busca de abrigo e alimento, os neandertais e os *homo sapiens* constantemente precisavam lidar com ambientes e desafios desconhecidos, se comunicando de modo rudimentar, porém efetivo para sua época. Registros arqueológicos indicam o uso de corantes naturais e pigmentos relacionados a essas crenças e comunicações.

A capacidade intrínseca do ser humano de usar símbolos como uma forma de comunicação, religiosidade e arte é o que define o ponto de virada evolutiva. Por muito tempo acreditou-se que esse período havia ocorrido na Europa no período

Paleolítico Superior, há aproximadamente 50 mil anos, porém conforme pesquisas realizadas, existem indicativos de que esses comportamentos e traços evolutivos começaram a surgir há 200 mil anos no continente africano. Indicativos esses que não conseguem comprovar fisicamente essa hipótese, entretanto evidências encontradas na África e no Oriente Médio sugerem que esse ponto de virada evolutiva aconteceu há 100 mil anos (Solomon, 2019). Durante o processo evolutivo, o ser humano desenvolveu a habilidade de reconhecer certos padrões, sendo a face um deles. Essa capacidade permitia que grupos se reconhecessem e se protegessem das adversidades encontradas nos ambientes em que viviam (Reinaldo, 2021). A utilização desses elementos para a modificação da própria aparência podia ser provocada por algumas razões, desde dificultar o reconhecimento de outros até representar parte da própria cultura e crenças, sendo utilizados por homens e mulheres e com símbolos e significados compartilhados (Barham, 1998; Gröning, 2011; Reinaldo, 2021).

Um consenso entre a comunidade arqueológica e paleontológica é de comportamentos que indicam que a religiosidade está principalmente (ainda que não exclusivamente) ligada ao surgimento dos *Homo sapiens* (Solomon, 2019). O uso de pigmentos implica nessa capacidade primitiva de criar e compreender símbolos, desenvolvendo naturalmente uma linguagem própria e cultura baseada nos símbolos compartilhados, uma prova dessa cultura compartilhada são os gizes de ocre vermelho encontrados em diversos locais, mesmo longe dos seus veios naturais (Barham, 2002; Watts, 2002; Barham, 1998; Solomon, 2019).

Com a criação da linguagem, ainda que de maneira rudimentar, diversos elementos foram afetados positivamente. Esse novo modo de comunicação foi de extrema importância, pois facilitou a organização de atividades como a da caça e da coleta, um dos principais motivos que fizeram os *Homo sapiens* sobreviverem. Os pigmentos também tiveram um papel fundamental nesse processo, pois, mesmo sem a escrita, eles eram utilizados como forma de comunicação e religiosidade, sendo aplicados ao corpo por diversos motivos. Dentro da comunidade arqueológica, diversas teorias já foram levantadas para esses usos, desde rituais fúnebres até mesmo ritos de passagem (como a menarca).

Muito embora diversos pigmentos tenham sido encontrados em diversos sítios arqueológicos, o pigmento mais comum dentre todos foi a hematita ou ocre vermelho, algumas teorias sugerem que essa cor era especificamente utilizada por se tratar de uma cor naturalmente forte, brilhante e atrativa, sendo associada a vida, morte, sangue e outras possibilidades (Watts, 2002; Barham, 1998, Marshack, 1981).

As pinturas corporais podem ter sido utilizadas por diversos motivos dentro da realidade da época. Algumas teorias citam a pintura corporal como demarcação de grupos, classes/posições sociais dentro desses grupos (suas responsabilidades nessa sociedade), *status*, idade etc. (Marshack, 1981). Outra teoria cita a pintura corporal como uma crença religiosa, em que mimetizar características de animais com essas pinturas atraía boa sorte às suas caçadas e aumentava o número de animais conquistados (Solomon, 2019).

Algumas especulações muito estruturadas são de rituais envolvendo a menarca e fertilidade, estariam atrelados a esses momentos diversos fatores, como pinturas corporais, danças, talismãs atrelados a magias de proteção relacionados à maternidade, nascimentos ou iniciações, e eles eram considerados símbolos de fertilidade e atrelados a deusas mães (Solomon, 2019; Barham, 1998, Barham 2002; Watts, 2002).

Por fim, outro ritual que se tornou um consenso na comunidade está relacionado a enterros e preparação dos corpos. O ocre vermelho está presente em dois dos sepultamentos humanos modernos mais antigos do mundo (datados de cerca de 100 mil e de 62 mil anos atrás, respectivamente), o que sugere que esse comportamento relacionado ao sepultamento é um ritual estabelecido como parte natural do comportamento humano durante sua evolução (Watts, 2002). Muito embora o ato de enterrar os cadáveres evite ataques de animais selvagens ao corpo e ao grupo e que doenças causadas pela sua decomposição se espalhem, o ato de sepultamento demonstra respeito e dignidade por aqueles que se foram. Em sítios arqueológicos da Espanha e da África do Sul, foram encontradas ossadas de seres humanos primitivos em cavernas (28 e 15 indivíduos, respectivamente), como se tivessem sido propositalmente colocados ali, de modo que demonstra que houve um ritual (Solomon, 2019). Wreschner (1980) discorre em sua discussão sobre a prática

de polvilhar ocre por cima do corpo, marcando com esse mineral algumas partes durante o sepultamento, manchando acidentalmente a área. Para ritos funerários também eram utilizados alguns objetos, como conchas, ossos e dentes de animais, entre outros artefatos com valores simbólicos, pedras posicionadas em cima das covas e lascas de pigmentos, o que podemos relacionar ao surgimento das religiões primitivas (Wreschner, 1980; Solomon, 2002).

Fundamentalmente, a ritualização também é uma experiência corporal, na qual as transformações da superfície do corpo desempenham um papel crucial (Watts, 2002).

Durante o período Paleolítico, o ser humano utilizou os recursos disponibilizados à sua volta para sobreviver e se comunicar. Por conta disso, os pigmentos e corantes utilizados na época eram intrinsecamente ligados à disponibilidade natural local. Os corantes eram feitos de materiais como plantas regionais e produtos provenientes de animais; muito embora os corantes naturais disponibilizassem uma maior variedade de cores e tonalidades, eles apresentavam maior instabilidade química, alterando seus tons e desaparecendo em pouco tempo, além da probabilidade de causarem toxicidade. Os pigmentos, por sua vez, por serem, na maioria dos casos, de origem mineral, apresentavam maior estabilidade química, de modo que a probabilidade de intoxicação causada por esses pigmentos era inferior. Entretanto, possuíam maior dificuldade de coleta e preparo, além da menor variedade de nuances (Seglins, 2016).

4.1 Pigmentos/minerais utilizados na pré-história e suas utilidades atualmente

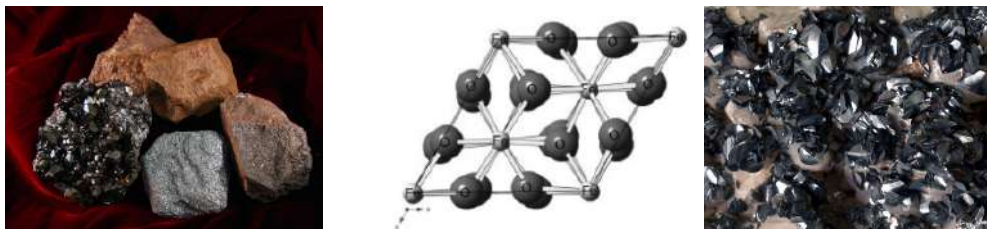
4.1.1 Hematita

O pigmento mais utilizado na época, possuindo grande variedade e sendo encontrado em diversos locais a hematita possui por composição química Fe_2O_3 e sua estrutura forma octaedros (figura 3). A hematita possui diversas variações em sua aparência, podendo ser encontrada em massas ocre marrom-avermelhadas, massas escamosas cinza-prateadas escuras, cristais cinza-prateados a pretos e

massas cinza-escuras (MINDAT, 2026; Universidade de São Paulo, 2026; Universidade Estadual do Centro-Oeste, 2026; *University of Minnesota*, 2026).

Figura 1: Hematita

A) Hematita em suas formas naturais B) Estrutura cristalina C) Especularita



Fonte: University of Minnesota, 2026; Oliveira, 2013; Peter Haas, 1997.

Conhecida atualmente por óxido de ferro e, por ter uma coleta abundante, é muito comum de ser encontrada nos dias de hoje, sendo a principal fonte da fabricação de aço, mas também é utilizada como pigmento em cosméticos e polímeros. Dependendo do tratamento que o óxido receber ou da forma que ele for encontrado, ele pode ser utilizado como gema, sendo essa variação conhecida como specularita (Baena, Pinilla, Bello, 2009).

4.1.2 Limonita

Também sendo uma das formas do ferro, a limonita é um óxido de ferro hidratado impuro e pode ser de caráter coloidal ou amorfo, não ter cristais visíveis, ser maciça e ser amarelo-acastanhada (figura 4). A limonita é uma forma de goethita (comprovado por estudos de raios X). Sua composição química é de $\text{FeO}(\text{OH}) \cdot n \text{H}_2\text{O}$ (*Encyclopaedia Britannica*, 2026; King, 2026, MINDAT, 2026).

Figura 2: Limonitas

A) Limonita rocha B) Limonita rocha C) Limonita pigmentos



Fonte: Encyclopaedia Britannica, [s.d.]; Michael Reicht, 2006; King, [s.d.]

Nos dias de hoje a limonita ainda é utilizada como pigmento, inclusive em cosméticos.

4.1.3 Arenito

Sendo uma rocha sedimentar, o arenito é composto de uma junção de sílica, carbonato de cálcio, óxidos de ferro, quartzo, feldspato potássico e/ou plagioclásio sódico. O arenito pode ter sido utilizado como fonte para a obtenção dos pigmentos após um processamento, não tendo sido utilizado puro (figura 5) (Universidade de São Paulo, 2026).

Figura 3: Arenito

A) Quartzo arenito vermelho cimentado B) Arenito C) Arenito



Fonte: Instituto de Geociências USP, [s.d.]

4.1.4 Xisto

Ao contrário dos demais minerais utilizados como pigmentos, o xisto não possui uma composição única (figura 6), de modo que depende completamente do meio em que se insere, podendo possuir micas e clorita na sua composição, assim como diversos outros componentes. Pelo termo “xisto” ser uma denominação genérica, ele precisa vir acompanhado dos nomes dos materiais principais que o acompanham (Universidade de São Paulo, 2026; *Encyclopaedia Britannica*, 2026).

Figura 4: Xisto

A) Xisto Betuminoso B) Quartzo Xisto C) Estauroлита-granada-muscovita Xisto



Fonte: Fritz Geller-Grimm, 2006; Instituto de Geociências USP, [s.d.]

Supõe-se que, assim como o arenito, o xisto era utilizado para se conseguir matéria-prima e não utilizado como o pigmento em si.

4.1.5 Pirolusita

Tendo sido raramente encontrada e pouco utilizada, pelo que indicam os estudos realizados por Watts (2002), a pirolusita (ou dióxido de manganês) possui a composição de MnO_2 . É um mineral que pode apresentar a coloração cinza metálica se em sua forma natural e preta se em pó, sendo insolúvel em água. Sua categoria de perigo, segundo a ECHA (Agência Europeia dos Produtos Químicos), é de toxicidade aguda 4. Ao tratarmos do dióxido em grande escala, em caso de intoxicação por ingestão por via oral (figura 7) ou respiratória, ela pode prejudicar os sistemas de transporte, as atividades enzimáticas e as funções dos receptores. Não é utilizada nos dias de hoje como pigmento cosmético, mas em outras indústrias ele ainda é utilizado, um exemplo é na produção de aço e na produção de pinturas anticorrosivas (*Encyclopaedia Britannica*, 2026; *PubChem*, 2026, *Toxicology Data Network*, 2026).

Figura 5: Pirolusitas
A) Solo B) Conjunto



Fonte: Roger Lang, 2011; Petr Fuchs, 2010

4.1.6 Carbonato de Cálcio

O carbonato de cálcio (CaCO_3) é um mineral muito comum de ser encontrado por todo o mundo de diversas formas na natureza. Suas formas se diferenciam em aparência e estrutura, contendo os nomes aragonita, calcita, giz, calcário, pedra litográfica, mármore, marga e travertino (figura 8) (*MINDAT*, 2026; *PubChem*, 2026; Bessler, Rodrigues, 2008; Universidade de São Paulo 2026).

Figura 6: Cálcio

A) Calcita B) Aragonita C) Concha



Fonte: Instituto de Geociências USP, [s.d.]; Manuel Caballer, 2020.

As conchas encontradas no mar também são formadas de carbonato de cálcio, porém na forma de calcita ou aragonita (as conchas dos moluscos são compostas de 95-99% desses componentes e apenas 1-5% de matéria orgânica) (Conchas Brasil, 2026).

Atualmente, o carbonato de cálcio é utilizado em diversas áreas do nosso dia a dia, em cosméticos, devido às suas características tamponantes, opacificantes, à sua pigmentação, abrasividade, absorção de oleosidade e como agente diluente e ligante. Também é muito utilizado na indústria farmacêutica como ativo antiácido, antidiarreico e como suplemento mineral.

O carbonato de cálcio também pode ser encontrado em cavernas no formato de espeleotemas (estalactites e estalagmites), que são formados pelos gotejamentos de água com deposição mineral na área interior das cavernas ao longo de anos (figura 9).

Figura 7: Espeleotema

A) Estalactites e estalagmites B) Estalactites e estalagmites C) Espeleotema



Fonte: Pseudopanax, 2013; Miguel Montenegro de Andrade, 2014; Instituto de Geociências USP, [s.d.]

4.1.7 Brecha

Brechas são rochas sedimentares, seu nome tem origem no italiano “Breccia” e significa pedras quebradas (figura 10). Essas rochas são compostas por

fragmentos de rochas angulares que seguram juntas um mineral, e elas são formadas por fenômenos vulcânicos explosivos ou pela intrusão forçada de corpos magmáticos. Por conta da sua formação, a brecha não possui uma composição química específica. Muito possivelmente a brecha era utilizada da mesma maneira que o xisto e o arenito, como uma maneira de se obter os pigmentos, e não sendo diretamente utilizada (MINDAT, 2026; Universidade de São Paulo, 2026; *University of Auckland*, 2026).

Figura 8: Brecha

A) Brecha B) Brecha C) Brecha de Sílex



Fonte: Rui Nunes, 2021; Instituto de Geociência USP, [s.d.]; King, [s.d.]

Curiosidade: foi encontrado no Egito um recipiente cosmético feito de brecha (figura 9) com o formato de sapo, datado de 3300 anos a.C.



Figura 9: Recipiente cosmético de Brecha

Fonte: The British Museum, 2019

5. DISCUSSÃO

Nos dias atuais, os pigmentos e corantes são amplamente utilizados em diversas indústrias e estão presentes em todas as áreas da nossa vida, indo de cores marcantes e vibrantes a cores suaves e serenas. A maior diferença entre os pigmentos empregados no período pré-histórico e nos dias de hoje está relacionada ao processo de obtenção e ao cuidado quanto à segurança de seus usos, sendo esse muito mais desenvolvido e seguro.

Atualmente, os pigmentos utilizados na pele são disponibilizados por meio de cosméticos de cor desenvolvidos para esse uso e/ou processados por povos indígenas para seu uso em pinturas corporais, sendo, em ambos os exemplos citados, pigmentos seguros (Fundação Nacional dos Povos Indígenas, 2026).

Com o passar dos milênios e a evolução do ser humano e das sociedades, o uso de pigmentos em nosso corpo foi profusamente desenvolvido, criando maior variedade de opções e razões para esse uso, entretanto, esses fatores são claramente provenientes desses rituais primitivos. Pigmentos ainda são utilizados nos dias de hoje para demarcar grupos e classes sociais distintas, como símbolo de autoexpressão, para repassar mensagens não verbais, culturais e até mesmo religiosas.

No momento atual da nossa sociedade, é inegável a influência das grandes mídias em nossas percepções, interferindo diretamente em opiniões e definições próprias como belo e disforme, interessante e tedioso, glorioso e vergonhoso, entre outros. Em contrapartida, essa massiva exposição a diferentes públicos, pessoas e culturas permitiu a criação de comunidades que compartilham dos mesmos interesses e visões, assemelham-se levemente aos grupos formados no período neolítico ao se agruparem com aqueles que possuem suas similaridades, porém, enquanto em nosso passado remoto esses grupos se uniam para sobreviverem sob condições extremas e, algumas vezes, alteravam suas aparências por vontade própria, os atuais modificam suas aparências como uma expressão de suas identidades sociais e, nesses conjuntos, são proporcionados conforto psicológico e bem-estar. Sendo assim, o uso de maquiagens está diretamente ligado à autoestima e estados emocionais bons ou ruins.

Outro fator que foi alterado com o passar dos milênios foi o uso de pigmentos e gênero. Enquanto no período pré-histórico homens e mulheres utilizavam pigmentos em seus corpos pelos diversos motivos já citados anteriormente, nos dias atuais isso se difere bastante. O uso de maquiagem pelo público masculino no Ocidente é muito inferior se comparado ao público feminino. Isso ocorreu por alguns fatores, como a grande renúncia masculina, uma consequência da Revolução Francesa, em que a praticidade, modéstia e discrição eram o marcante. Depois disso, a Segunda Guerra Mundial, o estilo militar, o rosto barbeado, o cabelo curto e bem cuidado e um uniforme impecavelmente passado tornaram-se padrão para homens em todo o mundo.

Por fim, a pintura corporal ainda se faz presente em nossa sociedade, seja por expressão artística ou por expressão cultural. Alguns artistas utilizam pinturas

corporais como exibição de seus trabalhos para se comunicarem com o mundo ao seu redor, passando mensagens que se diferem de acordo com a vontade de seu autor. Quanto aos povos originários, eles carregam a própria história em seus corpos por meio dessas pinturas. Os pigmentos utilizados para esses processos costumam ter origem natural. No Brasil, por exemplo, os pigmentos mais utilizados são derivados do jenipapo e do urucum. Cada traço tem uma explicação, um significado e um sentimento, desde os mais felizes até o luto, tristeza e passagem.

O uso de pigmentos marca a história e jornada do ser humano desde seus primórdios, sendo essencial para seu desenvolvimento, descoberta e reinvenção.

Conhecer a nossa história é essencial para nossa percepção de pertencimento, identidade e cultura, pois, ao analisarmos nosso passado, podemos compreender a importância dos pigmentos e seu avanço com a nossa evolução e desenvolvimento. Seu uso está intrinsecamente interligado ao nosso modo de viver, tendo sido uma peça fundamental para nossa sobrevivência.

Seu uso nos acompanha desde os primórdios, nos auxiliando durante nossos processos de amadurecimento e consciência, moldando, de certa forma, nosso modo de ver o mundo e nos permitindo criar distintas sociedades com diversas culturas e conhecimentos específicos baseados em cada experiência individual. Milênios se passaram, mas a necessidade de se identificar, se expressar, criar grupos, expor ideais, culturas e crenças se manteve intacta, sendo essas características nossas.

E apesar de todas as mudanças, das distintas visões, preconceitos e opiniões relacionadas aos pigmentos, seu uso é inerentemente humano. A necessidade de expressar a própria perspectiva erudita e exuberante nos acompanha, a indispensabilidade das cores faz parte do nosso ser.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse estudo, pudemos buscar a origem pela das maquiagens e os tipos de pigmentos empregados em cosméticos e como esse uso é mais importante para nós do que se é percebido. Seu uso nos acompanha desde nossa inexistência até evoluirmos ao ponto atual, esteve presente em nossas distinções sociais, em dinâmicas de poder, em expressões religiosas, em nosso processo de autodescoberta e construção da nossa própria identidade, sendo, nos dias atuais, facilmente encontrados nos mais diversos cosméticos com cor.

REFERÊNCIAS

AYTUĞ, S. M. **Make Up As a Sign of Public Status**. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, v. 195, p. 554–563, jul. 2015.

ANVISA. **Tabela – Relação de corantes permitidos**. Disponível em: https://www.gov.br/ibama/pt-br/assuntos/quimicos-e-biologicos/petroleo-combustiveis-e-produtos-perigosos/arquivos/retardantes-de-chamas/2018-SEI_IBAMA-Parecer-Tecnico-5142018-COASP-CGASQ-DIQUA-Anexo.pdf. Acesso em 25 de abr. 2026.

BAENA, O. J. R.; PINILLA, Á. F.; BELLO, S. D. Characterization and concentration of specularite as natural pigment for to manufacture anticorrosives paints. **Revista Mexicana de Física**, vol. 55, núm. 1, 2009, pp. 123-126

BARHAM, L. S. Possible Early Pigment Use in South-Central Africa. **Current Anthropology**, Vol. 39, No. 5, December 1998, pp. 703-710.

BARHAM, L. S. Systematic Pigment Use in the Middle Pleistocene of South-Central Africa. **Current Anthropology**, vol. 43, no. 1, 2002, pp. 181–190.

BBC News Brasil. **O enigma das esculturas de 'Vênus' da Era do Gelo**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c1w5d3z4x3do>. Acesso em 20 abr. 2026.

BBC News Brasil. **O que foi a 'grande renúncia masculina', curiosa consequência da Revolução Francesa**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-58040426>. Acesso em 26 abr. 2026.

BESSLER, K. E.; RODRIGUES, L. C. Os polimorfos de carbonato de cálcio: uma síntese fácil de aragonita. **Química Nova**, v. 31, n. 1, p. 178–180, 2008.

BRANCO, P. M. **Pigmentos Minerais**. Disponível em: <https://www.sgb.gov.br/pigmentos-minerais>. Acesso em: 25 abr. 2026.

BRITISH MUSEUM. **Object EA65240**. Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/Y_EA65240. Acesso em: 25 abr. 2026.

CAWADIAS, A. P. Hygiene Through the Ages. *The Journal of the Royal Institute of Public Health and Hygiene* Vol. 13, No. 10 (October, 1950), pp. 352-364

CONCHAS BRASIL. **De que são feitas as conchas**. Disponível em: <https://conchasbrasil.org.br/de-que-sao-feitas-as-conchas/>. Acesso em: 25 abr. 2026.

EL-KILANY, E.; RAOOF, E. Facial Cosmetics in Ancient Egypt. **Egyptian Journal of Tourism Studies** Vol.16, No.1, 2017

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. **Limonite**. Disponível em: <https://www.britannica.com/science/limonite>. Acesso em: 25 abr. 2026.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. **Manganese**. Disponível em: <https://www.britannica.com/science/manganese>. Acesso em: 25 abr. 2026.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. **Shale**. Disponível em: <https://www.britannica.com/science/shale>. Acesso em 25 abr. 2026.

ETNOBOTÂNICA. **Informação cosmética**. Disponível em: <https://etnobotanica-loja.com.br/info-cosmetica/>. Acesso em: 25 abr. 2026.

FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS INDÍGENAS. **Pinturas corporais indígenas carregam marcas de identidade cultural**. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2022-02/pinturas-corporais-indigenas-carregam-marcas-de-identidade-cultural>. Acesso em 20 abr. 2026.

GARCÍA, É. D.; PASCUAL, M. L. V. Á. **Painting the skin. Pigments on bodies and codices in pre-columbian mesoamerica**. University of Arizona Press, 2018.

HUNT, K. A.; FATE, J.; DODDS, B. Cultural And Social Influences On The Perception Of Beauty: a case analysis of the cosmetics industry. **Journal of Business Case Studies** – January/February 2011 Volume 7, Number 1.

GRÖNING, KARL. **Body Painting. The Pitt Rivers Museum, University of Oxford, England**. 2011. Disponível em: <https://web.prm.ox.ac.uk/bodyarts/index.php/temporary-body-arts/body-painting.html>. Acesso em 25 jan. 2026.

KING, H. M. **What Is Breccia, How Does It Form, and What Is Its Composition?**. Disponível em: <https://geology.com/rocks/breccia.shtml>. Acesso em: 25 abr. 2026.

KING, H. M. **An amorphous iron oxide used as an ore of iron and as a pigment for thousands of years**. Disponível em: <https://geology.com/minerals/limonite.shtml>. Acesso em: 25 abr. 2026.

LANZENDÖRF-YU, G.. **Colorants in cosmetic applications**. Physical Sciences Reviews, Volume 6 Issue 12, 2021.

MA, Y. **The Influence of Makeup on Individual Self-Identity: An Exploratory Study**. The Kyoto Conference on Arts, Media & Culture 2024.

MARSHACK, A. **On Paleolithic Ochre and the Early Uses of Color and Symbol**. Current Anthropology, 1981

MINDAT. **Breccia**. Disponível em: <https://www.mindat.org/min-50222.html>. Acesso em: 25 abr. 2026.

MINDAT. **Calcium carbonate**. Disponível em: https://www.mindat.org/glossary/calcium_carbonate. Acesso em: 25 abr. 2026.

MINDAT. **Goethite**. Disponível em: <https://www.mindat.org/min-2402.html>. Acesso em: 25 abr. 2026.

MINDAT. **Hematite**. Disponível em: <https://www.mindat.org/min-1856.html>. Acesso em: 25 abr. 2026.

MINDAT. **Limonite**. Disponível em: <https://www.mindat.org/min-2402.html>. Acesso em: 25 abr. 2026.

MINDAT. **Manganite**. Disponível em: <https://www.mindat.org/min-3318.html>. Acesso em: 25 abr. 2026.

MINDAT. **Sandstone**. Disponível em: <https://www.mindat.org/min-49438.html>. Acesso em: 25 abr. 2026.

MINDAT. **Sandstone**. Disponível em: <https://www.mindat.org/min-49438.html>. Acesso em: 25 abr. 2026.

MINDAT. **Speleothem**. Disponível em: <https://www.mindat.org/glossary/speleothem>. Acesso em: 25 abr. 2026.

NAZARENKO, V. The evolution of makeup as a tool of visual identity in mass media. *Humanities science current issues*, v. 2, n. 86, p. 168–174, 2025.

PUBCHEM. **Calcium Carbonate**. Disponível em: <https://pubchem.ncbi.nlm.nih.gov/compound/10112>. Acesso em: 25 abr. 2026.

PUBCHEM. **Manganese Dioxide**. Disponível em: <https://pubchem.ncbi.nlm.nih.gov/compound/14801>. Acesso em: 25 abr. 2026.

REINALDO, GABRIELA. **Das cavernas às prateleiras: sobre pigmentos, maquiagens e filtros**. *Galáxia* (São Paulo), n. 46, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gal/a/dwKqs3KVjsMQBPmB43bfBnQ/?lang=pt>. Acesso em: 23 set. 2025.

SEGLINS, VALDIS; KUKELA, AGNESE. **Development of pigments and colour use in Prehistoric times**. In: *Proceedings of the 3rd International Multidisciplinary scientific conference on Social Sciences and Arts, SGEM2016, Bulgaria, Book*. 2016. p. 41-46.

SOLOMON, A. **Bones, Pigments, Art and Symbols. Archaeological Evidence for the Origins of Religion**. *The Evolution of Religion, Religiosity and Theology*, vol. 1, pp 256-267, 2019

OLIVEIRA, M. A.; SALÉS, M. G. N. *Diálogos Sobre Pré-História: Mente Cultura e Sociedade Volume 1*

TOXICOLOGY DATA NETWORK. **Manganese dioxide**. Disponível em: <https://www.t3db.ca/toxins/T3D1135>. Acesso em: 25 abr. 2026.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Aragonita**. Disponível em: <https://didatico.igc.usp.br/minerais/carbonatos/aragonita/>. Acesso em: 25 abr. 2026.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Arenito**. Disponível em: <https://didatico.igc.usp.br/rochas/sedimentares/arenito/>. Acesso em: 25 abr. 2026.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Brecha**. Disponível em: <https://didatico.igc.usp.br/rochas/metamorficas/brecha/>. Acesso em: 25 abr. 2026.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Calcita**. Disponível em:
<https://didatico.igc.usp.br/minerais/carbonatos/calcita-10/>. Acesso em: 25 abr. 2026.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Espeleotema**. Disponível em:
<https://didatico.igc.usp.br/rochas/sedimentares/espeleotema/>. Acesso em: 25 abr. 2026.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Hematita**. Disponível em:
<https://didatico.igc.usp.br/minerais/oxidos-hidroxidos/hematita/> . Acesso em: 25 abr. 2026.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Xisto**. Disponível em:
<https://didatico.igc.usp.br/rochas/metamorficas/xisto/>. Acesso em: 25 abr. 2026.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE. **Hematita**. Disponível em:
<https://www3.unicentro.br/museu/acervo/geologia/hematita/>. Acesso em: 25 abr. 2026.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. **Rochas sedimentares**. Disponível em:
<https://www.assis.unesp.br/#!/departamentos/ciencias-biologicas/museu-cbi/acervo/rochas/sedimentares/>. Acesso em: 25 abr. 2026.

UNIVERSITY OF AUCKLAND. **Breccia**. Disponível em:
<https://rocksminerals.flexiblelearning.auckland.ac.nz/rocks/breccia.html>. Acesso em: 25 abr. 2026.

UNIVERSITY OF MINNESOTA. **Hematite**. Disponível em:
<https://commonminerals.esci.umn.edu/minerals-g-m/hematite>. Acesso em: 25 abr. 2026.

VICTORIA, A. M. **Recursos minerais farmacêuticos e cosméticos**. Disponível em:
<http://recursomineralmg.codemge.com.br/substancias-minerais/recursos-industria-farmaceutica/>. Acesso em: 25 abr. 2026.

WALDO, K. **Makeup Through Time: Social Status, Expression, & Gender Roles**. Red Deer Polytechnic Undergraduate Journal Volume 16:1 2025

WRESCHNER, E. E.; Bolton, R.; Butzer, K. W.; Delporte, H.; Häusler, A.; Heinrich, A.; Jacobson-Widding, A.; Malinowski, T.; Masset, Claude; Miller, S. F.; Ronen, A.; Solecki, R.; Stephenson, P. H.; Thomas, L. L.; Zollinger, H. **Red Ochre and Human Evolution: A Case for Discussion**. Current Anthropology, Vol. 21, No. 5 (Oct., 1980), pp. 631-644

DECLARAÇÃO DE USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA)

Eu/Nós, Laura Bellver Silva, Roslene Kique 170 responsável(is) pela obra Origem dos pigmentos declaramos, para os devidos fins de integridade científica e em conformidade com a Portaria CNPq nº 2.664/2026, que não utilizamos, em nenhuma etapa do desenvolvimento da presente pesquisa (concepção, redação, análise de dados, revisão ou submissão), ferramentas de Inteligência Artificial Generativa (IAG), incluindo, mas não se limitando a, recursos de geração de texto, código, resumo, tradução ou imagem.

Diadema (SP), 17 de junho 2026

Nome(s) do(s) Autor(es): Laura Bellver Silva, Roslene Kique 170

Assinatura(s):

